

Música

Gilberto Gil e Caetano no seu último show em Salvador

OS BAINOS QUE VÃO Da Bahia para o mundo, Caetano e Gil encerram uma fase da música popular brasileira.

Domingo, às 9 horas da noite, quando dois homens se preparavam para descer na Lua, uma enorme bola amarela era projetada no fundo do palco do Teatro Castro Alves, em Salvador, Bahia. A bola foi ficando vermelha, crescendo em pulsações regulares, e um suave som de guitarra se elevava do silêncio de quase 2000 pessoas olhando o palco. Caetano Veloso, magro como sempre, aclamado como nunca, entrou no palco cantando uma de suas últimas canções, "Matinê no Cinema Olímpia". A bola ficou azul, contorceu-se em várias direções e se transformou no perfil de um Volkswagen. Gilberto Gil entrou em cena e cantou "Volks - Volkswagen Blue". A platéia aplaudia de pé, alguns subiram no palco para abraçar os dois cantores. O poeta Augusto de Campos, que saiu de São Paulo só para ver o primeiro show dos baianos em sete meses, estava eufórico: "Estes baianos estão cada vez mais interplanetários". O romancista Jorge Amado acompanhava o ritmo batendo com a mão na barriga: "Estou comovido. Isso parece extremamente sofisticado, mas não é. Tudo que eles fazem tem profundas raízes baianas. E minha comoção se manifesta na barriga. É como se eu sentisse um nó nas tripas". Em quinze músicas, novas e velhas, os dois baianos pareciam estar lutando contra o tempo perdido. Nestes sete meses, sua música poderia estar condenada ao esquecimento se o LP de Gal Costa - com composições de Gil e Caetano - não tivesse vendido tão bem (cerca de 100 000 cópias) e se o seu estilo não tivesse sido copiado de ponta a ponta do país. Um ano atrás, Caetano e Gil eram vaiados pela platéia de universitários paulistas, que proibiram no III FIC o seu "É proibido Proibir". Na Bahia, a reação inverteu-se. Na carreira dos baianos, onde as coisas sempre aconteceram depressa, a Bahia acabou sendo o ponto de partida e de chegada. Seu primeiro show em sete meses é também o último para os brasileiros. Quatro anos depois de deixarem a Bahia para cantar no Rio e São Paulo, "calados e magros", como cantam na sua música "Miserere Nobois", Gil e Caetano seguem para Lisboa e Londres, onde desde janeiro há contratos esperando por eles. Mas desta vez não há incertezas: além dos contratos, Gil foi convidado para fazer a música de "Le Drapeau Blanc d'Oxalá", que o francês Pierre Kast filmou no Brasil, e Glauber Rocha mandou uma carta da Europa dizendo que Godard se interessará pelas músicas de Caetano num dos seus filmes.

A euforia da noite de despedida pode ser explicada de vários modos. Desde que lançaram seu novo estilo em 1967, com "Alegria, Alegria" e "Domingo no Parque", Caetano e Gil vem insistindo numa linha que atraiu muitos músicos jovens nos festivais do ano passado e que este ano parece ter contaminado a maioria dos novos compositores. Em Porto Alegre, uma semana antes do show de despedida de Gil e Caetano, os universitários gaúchos travaram uma batalha de guitarras elétricas, talco na platéia, roupas de plástico e até uma agressão de verdade, quando um compositor "antigo" teve a cabeça quebrada pela guitarra de um "tropicalista" (o agressor foi preso, o agredido internado num hospital).

Mas as cinco vencedoras estavam na linha dos baianos e na noite de encerramento uma menina de doze anos desfilou no palco com um cartaz: "Vocês entenderam tudo". No Rio, a cantora da moda neste primeiro semestre é Gal Costa. E na imprensa, de dezembro para cá, as notícias e depoimentos favoráveis a Gil e Caetano ocupam sozinhas todo o espaço. Que fizeram eles este tempo todo? Gil fez regime macrobiótico e começou a estudar filosofia oriental, mas nenhuma das duas coisas influencia sua nova música – um estilo quente, mis- (pág 65) tura de iê-iê com jazz, que parece começar exatamente onde Gil havia parado no último compacto que gravou, "Questão de ordem" (outra enorme vaia no festival "É Proibido Proibir"). Caetano está cantando de uma maneira muito mais variada: em inglês, com sotaque luso, tangos, fados, sambas antigos e iê-iês. Eles gravaram seus novos trabalhos na Bahia, mas, para que o resultado chegasse ao público em dois novos Lps, um de Gilberto Gil, outro de Caetano Veloso, em começos do mês que vem, as fitas tiveram que voar para o Rio e São Paulo, onde o maestro Rogério Duprat – sempre ele – compôs o acompanhamento (nas fitas estavam somente as vozes e o violão de Gilberto Gil) e pacientemente montou os pedaços numa nova fita.

Os novos discos não tem título: o de Caetano traz simplesmente a sua assinatura na capa branca e o de Gil tem o seu nome no meio de trechos de algumas de suas letras. Um e outro estão impressionados com ruídos eletrônicos e sons espaciais. Gil, em "Cérebro eletrônico", diz em ritmo de iê-iê: "O cérebro eletrônico faz tudo/Mas ele é mudo/ O cérebro eletrônico comanda / Manda e desmanda/ Ele é quem manda/ Mas ele não anda". O nome de um carro em "Volks – Volkswagen Blue", a descrição de uma experiência de transmutação em "Futurível", a descrição de "Vitrines" ("Sonhos guardados perdidos/ Em claros cofres de vidro / Um astronauta risonho/ Como um boneco falante"), são os pequenos ganchos com que Gil procura agarrar uma linguagem presente e que se projeta no futuro em "A Voz do Vivo": "Quem já esteve na Lua viu / Quem já esteve na rua também viu / Quanto a mim é isto e aquilo / Eu estou muito tranquilo / Pousando no meio do planeta / Girando ao redor do Sol". O disco de Gil desmente uma das regras dos produtores, que sempre pedem uma certa variedade de tons fortes e tons fracos: ele só tem tons fortes, é quase todo cantado em voz muito alta. Caetano, ao contrário, não dá impressão de estar gravando um disco, mas de que está cantando despreocupadamente debaixo do chuveiro. Em "Irene", a simplicidade chega ao máximo: "Eu quero ir minha gente/ Eu não sou daqui/ Eu não tenho nada/ Quero ver Irene rir/ Quero ver Irene dar risada". Em "Marinheiro Só", música de domínio público, enriquecida com um coro de quatro vozes femininas e atabaques, ele se limita a narrar o fato de ser baiano. Mas as letras crescem de intensidade nas duas músicas em inglês, "Lost in Paradise" (já gravado por Gal Costa) e "The Empty Boat", antes de chegarem às experiências de "Analfanegabetismo" e de "Acrílico", que é um poema falado com fundo de efeitos musicais e eletrônicos: "Acre e lírico o sorvete/ Acrílico Santo Amargo da Putrificação", Caetano canta "Carolina", de Chico Buarque, com a boca bem colada no microfone, com acompanhamento de violão, e grita entusiasmadamente em espanhol a letra de "Cambalacho" (que quer dizer "bagunça"). Muitas destas músicas foram apresentadas à plateia que lotou o Teatro Castro Alves, de Salvador, e as canções antigas aparecem com nova roupagem, inclusive a terceira versão de "Procissão", de Gil. No momento da despedida, quando a plateia já subia ao palco, Gil cantou "Aquele Abraço" (não está no disco), que ficou sendo uma espécie de adeus dos baianos que vão e não sabem quando voltam: "Meu caminho pelo mundo / Eu mesmo traço/ A Bahia já me deu/ Régua e compasso/ Quem sabe de mim sou eu, aquele abraço/ Pra você que me esqueceu, aquele abraço/ Todo povo brasileiro, aquele abraço".